

O Divino Samaritano

III

PARECE que não poderia haver um povo tão esquisito e contraditório como aquele ao qual aliás, pelo lado da terra, Jesus pertencia.

No Evangelho da Missa de hoje, como em muitíssimas outras das suas páginas, nos aparece Jesus rodeado ou seguido por multidões, ou por turbas na frase das Escrituras, que, ávidas do divino brilhar dos seus olhos, do encanto celestial das suas palavras, das suas parábolas, dos seus sermões na montanha ou à beira do lago Tiberíades, fascinados pelo poder dos seus braços e sobretudo pela doçura imensa do seu coração, o seguiam por toda a parte por onde Ele andava, esquecidos por vezes de tudo o mais que não fosse Ele, de si mesmas, do seu pão, do seu sono, sentindo e repetindo à sua maneira o que disse S. Pedro nos esplendores do Tabor:

Bonum est nos hic esse! Fiquemos para sempre aqui! Já nada nos importa o resto!

O entusiasmo do povo chegava por vezes ao auge, por assim dizer transbordava.

Quando foi da multiplicação dos pães no deserto, perderam por tal forma a cabeça que pensaram em logo ali aclamá-lo Rei, como se isto de uma mudança de dinastia fosse coisa dum sucesso puramente local, dum clamor de momento.

Em Jerusalém foram um pouco mais discretos, limitando-se a juncar-he a estrada de ramos verdes e a proclamar-lhe em altas vozes que era — Bemvindo.

Custa assim a crer que fossem essas mesmas multidões, essas mesmas turbas multas que, pouco tempo depois, de punhos cerrados, de olhos ferozes, espumando raiva, bradassem diante da varanda de Pilatos à morte d'Ele!

Mas não será, quem sabe? privilégio único desse povo, marca reservada por assim dizer da raça judaica, esta estranha imobilidade de ânimo, este génio de cata-vento. Quantas vezes nós assistimos, nas páginas da História em toda a passagem dos séculos, em toda a sucessão dos tempos, em toda a extensão das orbes, ao desabamento subitâneo dos ídolos da véspera, ao deitar à valeta, espetado num fueiro, aquilo que ainda ontem era, reverentemente, no altar adorado!

Quase sentiria a tentação de dizer que na própria veia das aclamações dos hossanas, já corre às escondidas a fermentação odiosa dos *crucifige, crucifige*.

Como quer que seja naquele momento que recordamos, ainda a grande massa do povo seguia os passos do Divino Mestre, digamos assim com as palmas e os ramos de oliveira nas mãos, ainda se lhe ouvia dos lábios a aclamação do triunfo.

O festivo cortejo parou, porém, de repente. Passava um enterro.

A última manifestação de respeito pela eternidade que pode acabar no mundo, sepultando definitivamente o homem na vil sepultura da matéria extrema, é passar um cadáver para o cemitério, e ninguém descobrir a cabeça. Quando isso se dá, é sinal que se apagaram na pedra os últimos lampejos da religião, os últimos traços, os últimos vestígios da ligação da terra ao céu, do tempo à eternidade.

Faz-se então noite velha na alma; fecha-se esta a toda a luz de Deus.

Jesus e a sua comitiva pararam. Depressa correu que o defunto era um rapaz ainda moço, forte, operoso, que a morte ceifara traiçoeiramente à mãe, que não ficara na viuvez senão com aquela centelha da sua vida.

A morte, está bem, quando já se não presta para mais nada. Mas agora aquele mancebo, na primeira flor ou na primeira aurora da sua existência, na madrugada da vida, a luz dos olhos da sua mãe, o bordão da sua velhice, como dizia a mulher de Tobias, ser assim prematuramente apanhado pela foice implacável da parca, parece na realidade ao princípio, a quem só veja as coisas pela luz cá debaixo, poderia parecer na realidade uma crueldade da natureza, o assalto de um ladrão, o golpe de um assassino.

Quando Jesus mandou parar o cortejo, o cortejo, efectivamente, parou.

Porquê?

Quem se atreveria assim a interromper com um tal comando a marcha funérea para o cemitério?

Seria ainda uma espécie de veneração latente, imanente, irresistível, dominadora, por Aquele que andava na alma de toda a gente e parecia ter nas suas mãos o domínio do mundo e dos corações?

Seria a secreta esperança de algum remédio para aquele infortúnio, da ressurreição do que tinha morrido, ou pelo menos de algum alívio, de alguma consolação?!

Seria a simples curiosidade de saber enfim do que se tratava, o que era aquele imprevisto incidente na via?!

Não sei. O que é certo é que o cortejo parou.

—Não chores, mulher, disse Jesus para a mãe.

Só nos lábios do Redentor é que estas palavras, em tais circunstâncias, poderiam não parecer uma amarga ironia ou uma atroz blasfémia.

Então não é permitido, a quem perdeu o seu único filho, e que filho! chorar? Nem ao menos é permitido então o alívio das lágrimas, o que resta no fim à dor?

Mas Jesus revelou logo o motivo porque podia dizer à mãe que o seu pranto já não tinha razão de ser.

—Mancebo, exclamou Ele para o morto, eu te digo:

—Levanta-te!

E tocado outra vez pelo sopro da vida o mancebo, imediatamente, se ergueu do esquife como quem acorda dum sono, e começou a falar como se, não dum esquife, mas duma cadeira ou dum leito, ele se tivesse erguido. E Jesus entregou-o à mãe.

Eu traduzo esse verbo da seguinte maneira:

E Jesus restituiu à mãe. Quer dizer: conseguiu, pelo seu poder, pela sua compaixão, pelo seu amor, aquilo que a natureza parecia ter tido de execrável, de atroz.

Cai tão bem na nossa alma este traço tão humano, tão nosso, tão cá debaixo, d'Aquele que habita lá tão alto, lá tão longe das nossas pequeninas coisas, deste pão nosso de cada dia.

Faz-nos tão bem!

Congresso Internacional da Mensagem de Fátima

Em Portugal e no estrangeiro a decisão do Santo Padre teve o mais impressionante acolhimento. E' que o Santuário da Cova da Iria não é só pertença dos católicos portugueses mas também dos católicos do mundo inteiro e até dos que, indiferentes à fé se inclinam reverentes e esperançosos no milagre de Fátima. A passagem da Virgem peregrina por terras cristãs e entre povos das mais diversas raças, religiões, idiomas e índole, que se acotovelam para ver a «Senhora» e esperam a sua vez para a saudarem, outra coisa não significa nem pode significar senão que ela é a Divina Mensageira da Paz.

E' essa mensagem de Paz que o Congresso Internacional, preparatório do Encerramento do Ano Santo, se propõe esclarecer e divulgar por todo o orbe. De todas as partes chegam, diariamente, inúmeras adesões e pedidos de informações. Portugal também estará presente. A sua representação será numerosa e condigna.

A Nação estará presente

na pessoa de Sua Excelência o Senhor Presidente da República que, a convite da Comissão Nacional Executiva, acedeu presidir à sessão inaugural do Congresso, na tarde do dia 7 de Outubro. Esta sessão promete revestir o maior brilho possível e esplendor e será ilustrada pela palavra eloquente de insignes oradores nacionais e estrangeiros.

A ela devem assistir também membros do Governo e do Corpo Diplomático acreditado em Portugal. O Episcopado Português do Continente e do Ultramar, tendo à frente os Eminentíssimos Senhores Cardeais Patriarca de Lisboa e Arcebispo de Lourenço Marques, estará igualmente presente a essa sessão, a proclamar a vitalidade indefectível daquela Igreja que Jesus Cristo fundou e que, através dos tempos e do espaço, é a única verdadeira pregoeira da paz e do caminho que a ela conduz.

Aos Bispos de Portugal quiseram associar-se outros Eminentíssimos Cardeais e Venerandos Prelados estrangeiros.

Sabemos já que virão assistir aos actos do Congresso e cerimónias do Encerramento do Ano Santo os Eminentíssimos Senhores Cardeal Gerlier, Arcebispo de Lyon, Cardeal Mota, de S. Paulo, Car-

(Continua na 4.ª pág.)

Extase

*A noite caiu
Mansinha, de leve.
E a lua cobriu,
C'um manto de neve,
O Céu e a Terra.*

*E o sonho
Que espera,
P'ra desabrochar,
Abriu ao luar!*

*Desmaiam as rosas!
Dançam mariposas!
Há lumes a arder!
E' que o Deus Menino,
Muito pequenino,
Quis hoje nascer.*

*Desceram estrelas
— Pontinhos de luz! —
E uma, dentre elas,
Aos pés de Jesus.*

*A noite caiu,
De leve, de leve,
Cheinha de amor,
No momento breve,
Da vinda divina,
Do Nosso Senhor!...*

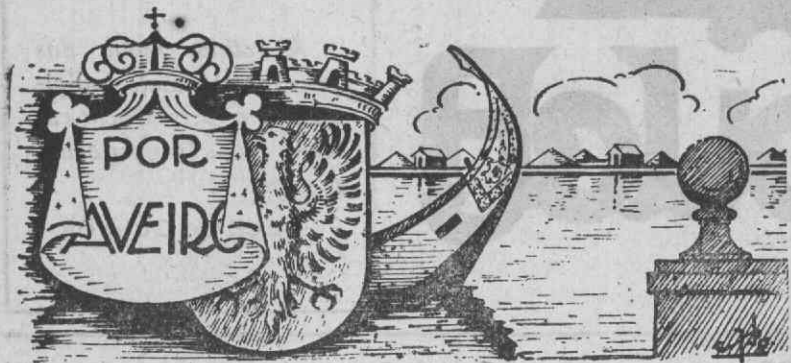
Virginia Andias

DR. QUERUBIM GUIMARÃES

Estando ausente de Aveiro, desde o dia 17 até ao 22 do corrente, o nosso editor, o próximo número do *Correio do Vouga* ficará confiado ao nosso ilustre colaborador e antigo Director, Sr. Dr. Querubim Guimarães.

Apesar da idade, dos seus encargos oficiais e dos cuidados que lhe inspira a prolongada doença de sua esposa, o Sr. Dr. Querubim Guimarães é colaborador habitual e assíduo de outros jornais como «A Voz», o «Diário do Minho» e o «Correio de Coimbra». Dirigiu o *Correio do Vouga* durante muitos anos com uma ilimitada dedicação e com o maior desinteresse material.

Como não se poupou a mais este sacrifício que lhe foi pedido, o *Correio do Vouga* aproveita esta oportunidade para lhe prestar mais uma vez a sua homenagem de gratidão.



Subsídio às Corporações de Bombeiros

Como todas as instituições de beneficência, os bombeiros voluntários recebem do Estado precioso auxílio que lhes permite exercer em todo o País, uma acção digna dos maiores louvores. Mantêm-se estas corporações com a ajuda dos Poderes Públicos e a caridade dos particulares, ambas valiosas e de que resulta uma obra que, no seu conjunto, se pode considerar verdadeiramente notável.

A juntar aos subsídios que, frequentemente, lhes são concedidos, vão as corporações dos Bombeiros Voluntários das Zonas Norte e Sul e das Ilhas Adjacentes receber a parte que lhes compete da colecta cobrada ao abrigo do Código Administrativo, durante o ano de 1950.

O rateio dessa importância, que totaliza 6.734.500\$00, feito por proposta do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, foi já aprovado pelo Sr. Ministro do Interior, procedendo-se agora à respectiva entrega. As importâncias atribuídas destinam-se especialmente, à aquisição e beneficiação de material, o que permitirá tornar ainda mais eficiente a acção das corporações dos Bombeiros Voluntários Portugueses.

Apraz-nos registar que os Bombeiros Voluntários de Aveiro vão receber 12.000\$00 e ao Corpo de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», também desta cidade, coube a importância de 12.5000\$00.

Pelo Município

Retiraram-se de Aveiro, após a inspecção aos serviços da Secretaria e Tesouraria da Câmara Municipal, os inspectores de finanças Srs. Carlos Gardé Alfaro Cardoso e Dr. Manuel Simões Guerra.

Lugre Motor «Cruz de Malta»

Há dias entrou na nossa Barra o lugre motor «Cruz de Malta» da firma Testa & Cunhas, L.da, com sede nesta cidade, que veio directamente dos Bancos da Terra Nova.

O Acampamento distrital do núcleo campista «Talábriga»

Como já noticiámos, o núcleo campista «Talábriga», com o patrocínio do «Diário do Norte», realiza o seu I Acampamento Distrital, na Mata da Barra, praia do Farol, hoje e amanhã, estando o campo patente ao público das 15 às 17 horas de amanhã — domingo.

Não dispomos de espaço para publicar o programa que está elaborado segundo as normas da boa prática do campismo.

Conselho Municipal

Reuniu na passada quarta-feira, sob a presidência do Sr. Dr. Alvaro Sampaio, o Conselho Municipal que aprovou as bases do orçamento e o plano de actividade para o próximo ano.

Usaram da palavra os senhores Eng.º José Pais de Almeida Graça, Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia, Dr. Alberto Soares Machado e Dr.

Querubim Guimarães, para pôr em relêvo a acção desenvolvida pelo Município nestes últimos anos, fazendo votos por que o Sr. Dr. Alvaro Sampaio se mantenha por mais anos na gerência da Municipalidade para que a nossa linda cidade colha ainda muito mais melhoramentos.

Peregrinações francesas

Uma no dia 8 e outra no dia 11, estiveram de passagem nesta cidade duas peregrinações francesas, que vieram a Fátima. Ambas eram acompanhadas de sacerdotes.

Desastre

No passado domingo, às 13 horas, a cidade estremeceu ao toque da sirene que chamava os Bombeiros às Pirâmides onde se deu um lamentável desastre em que perdeu a vida a sr.ª D. Maria da Glória Gois, de 69 anos, de Soure, esposa do sr. Joaquim Gonçalves Gois e mãe do sr. Dr. Manuel Gonçalves, distinto médico em Soure.

O automóvel em que, acompanhada de seu marido, vinha da Barra, conduzido pelo sr. João da Silva Carvalho, funcionário da Secção de Finanças de Soure, ao descrever a curva junto às pirâmides embateu num dos marcos da estrada e galgou a baixa cortina do cais precipitando-se na Ria. O carro flutuou durante alguns instantes permitindo assim que o condutor e o sr. Gois conseguissem salvar-se; o mesmo não sucedeu à sr.ª D. Maria da Glória que, sofrendo violenta pancada na cabeça, perdeu os sentidos e

O NOVO HOSPITAL DE SANGALHOS

No domingo, como anunciámos, foi inaugurado solenemente o novo edifício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Sangalhos.

Assistiram ao acto o Senhor Arcebispo de Aveiro, Governador Civil do distrito, Comandantes distritais da G. N. R. e P. S. P., que chegaram pelo lado Norte, cerca das 13 horas. Mais tarde, chegaram os srs. Ministro do Interior e Eng. Maçãs Fernandes, que na sua qualidade de presidente da Comissão das Construções Hospitalares, representava o sr. Ministro das Obras Públicas. Ao seu encontro, foi o director do hospital, sendo depois aguardados no limite da freguesia pelos srs. Coronel Dias Leite; dr. Paulo Cancellado de Abreu, vice-presidente da Assembleia Nacional, em representação de seu irmão, sr. Eng. Augusto Cancellado de Abreu, presidente da Comissão Executiva da U. N.; presidente do Município de Anadia, dr. Manuel Soares; provedor da Misericórdia da sede do concelho; Eng. Tavares de Sousa, provedor da Misericórdia de Sangalhos, dr. António Fernandes Urbano, comandantes da G. N. R. e da P. S. P. do distrito, etc.

Depois dos cumprimentos, o cortejo de automóveis dirigiu-se para o edifício do hospital, à porta do qual formavam as crianças da «creche» mantida pela Misericórdia, fazendo a guarda de honra uma força da G. N. R. e deputações dos Bombeiros do concelho com a respectiva banda de música. A entrada do hospital, a menina Maria Tereza da Conceição Sereno entregou a chave do edifício ao sr. Ministro do Interior que ali entrou, tendo lugar a bênção do novo edifício pelo Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro.

Seguiu-se uma sessão solene, aberta pelo director do hospital, sr. dr. Luís da Conceição, que fez a história da Misericórdia e do seu hospital, agradecendo às instâncias superiores a colaboração pres-

tada às entidades locais para a efectivação da obra magnífica que acabava de ser inaugurada. Falaram, em seguida, o presidente da Junta de Freguesia, sr. Leonel Castro Sereno, o professor de ensino primário da freguesia sr. Bento Lopes, e o prior sr. Padre Margarido.

Encerrou a serie de discursos o sr. dr. Trigo de Negreiros, a quem foi no final oferecido um «porto de honra».

Depois, houve um desfile do cortejo de oferendas a favor do hospital, no qual participaram carros alegóricos, enviados pelas aldeias limítrofes.

*

Com a inauguração do novo hospital ficou satisfeita uma das mais antigas e instantes necessidades de uma população superior a 2.500 almas. A Misericórdia — uma das mais novas do País, pois foi fundada em 1932 pelo actual director do hospital, sr. dr. Luís da Conceição — tem, assim, um excelente instrumento de beneficência e de trabalho, cujo custo anda à volta de 800 contos. É um edifício elegante, construído dentro das melhores leis da moderna técnica, com três enfermarias, magnífica sala de tratamentos, e uma outra de isolamento, gabinete de agentes físicos, com raios X, e tudo o mais que lhe compete dentro da sua escala de valor, como hospital subregional para comportar à volta de vinte doentes, os quais para ali devem ter transitado do pequeno posto-médico da Misericórdia.

Este estabelecimento de assistência, apesar de ser recente, vive com relativo desafogo, graças aos seus mil e tantos irmãos inscritos entre os quais se conta o Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro, que, quando da sua fundação, ali veio, deixando ligado à sua presença e ao acto inaugural palavras de comovente compreensão.

Dr. João Augusto S. Rocha

Foi nomeado Inspector do Ensino Primário, encontrando-se já ao serviço, o nosso amigo sr. Dr. João Augusto S. Rocha. Para residência escolheu a nossa cidade, onde se encontra há anos, tendo exercido as funções de Presidente da Câmara de Vagos, Professor da Escola Industrial e Comercial e Sub-Delegado da Mocidade Portuguesa.

O Correio do Vouga felicita o ilustre amigo e faz votos pelo bom desempenho do novo e alto cargo.

PORTEIRO

Precisa-se. Tratar na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 110 — Aveiro.

Ver a 6.ª e 7.ª páginas

Vida de Sociedade

Aniversários

Dia 17—D. Maria de Lourdes da Silva Mateus.

Dia 18—P.e David Valente Rodrigues, D. Maria dos Santos Marinheiro, esposa de António Vieira dos Santos Carlos, Miguel António Sequeira Santa Marta, filho do sr. Dr. Américo do C. Santa Marta.

Dia 19—P.e António Nunes da Fonseca e D. Adalcina do Céu Aguedo da Silva Mateus.

Dia 20 — Francisco José Marques de Oliveira Pinto, filho do sr. Dr. Oliveira Pinto.

—No dia 9 fez anos o menino José Alberto Gomes do Vale Guimarães, filho do sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães e neto do nosso antigo director Dr. Querubim do Vale Guimarães.

Casamento

Realizou-se no dia 8 do corrente, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o casamento da sr.ª D. Vera Augusta da Silva Chaves Martins, prendada filha do nosso assinante desta cidade, sr. Victor Augusto Chaves Martins, com o sr. Dr. António Alves da Fonseca, ambos professores do Liceu do Funchal.

Foram padrinhos da noiva, sua irmã sr.ª D. Albertina Augusta da Silva Chaves Martins e o sr. António Fernandes da Silva, e do noivo, seu irmão sr. Júlio Alves da Fonseca e esposa.

Após o almoço, servido no Hotel Central de Leiria, os noivos seguiram para o Sul em viagem de nupcias, devendo regressar em breve ao Funchal.

Ao novo lar cristão apresentamos os nossos cumprimentos, fazendo os melhores votos por um futuro venturoso.

Quem viaja

Estiveram em Aveiro e visitaram o Seminário, levando as melhores impressões da magnífica construção, as sr.ªs D. Conceição, D. Joana e D. Margarida Lemos Magalhães, filhas do Conselheiro Luís de Magalhães.

—Cumprimentámos nesta cidade o nosso assinante e preso amigo sr. Dr. António Espanha, distinto notário em Oliveira do Bairro.

—Depois de óptima viagem, regressou de Espanha, com sua esposa, o sr. Boaventura Pereira de Melo, dig.º Adjunto do Director Escolar do Distrito.

—Partiram ontem para Espanha os srs. Eduardo Cerqueira, nosso ilustre colaborador, e Dr. Hermes Ala dos Reis, acompanhados de suas Esposas.

Nascimento

Está de parabéns o lar de sr.ª D. Maria Carolina Soares Nogueira de Lemos e do sr. Dr. Alberto Nogueira de Lemos, distinto médico-cirurgião nesta cidade, pelo nascimento, no dia 5 do corrente, de um filhinho.

Com os melhores votos pelas venturas da criança, associamo-nos ao regosijo dos pais.

EVOCAÇÕES

NÃO direi entre as ideias fixas, mas entre as recordações que mais fácil e deleitosamente subiam à superfície da alma da minha mãe nas três últimas quartas partes da sua longa existência, aquilo que lhe ficou, ao que parecia, mais profundamente gravado na sua memória e no seu coração, sem perder nada com o tempo das suas cores vivazes, dos seus movimentos dramáticos, da sua expressão humana, social, evangélica, era o Bom Jesus de Braga que ela visitou e admirou por ocasião do seu casamento.

Ela sabia de cor todas aquelas figuras, realmente impressionantes, da Paixão e da Morte de N. S. Jesus Cristo.

Ela descrevia, por exemplo, os beijos de Judas colados num beijo infame à face adorável do Salvador, ou a cara desoladíssima do apóstolo Pedro ao célebre cantar do galo na noite da negra traição, ou o mesmo apóstolo Pedro, no Horto, a desembainhar a espada para abater dum golpe a orelha direita de Malco, ou as Santas Mulheres, feridas de espanto, com os olhos cheios da mais trágica dor no acto da crucificação do Senhor, ou a flagelação, ou o descimento da cruz; — Ela descrevia um a um todos estes tão diversos personagens, uns odiosos, outros amenos ou pios, com linhas tão exactas, com pincel tão seguro, tão vigoroso, tão fiel, tão compreensivo, que, agora, ao passar hoje pelo Santuário, pelas capelas, por todo esse aparato de fortes estátuas, de símbolos, de escadarias, reviveram em mim, como quando a uma página escrita a tinta simpática se chega de perto a luz de uma vela, as antigas descrições tão firmes e detalhadas, e os entusiasmos, tão vivos da minha mãe.

A todos esses personagens, inquietos, doces ou furiosos, apaixonados ou indiferentes, ela os elevava, sem distinção de espécie alguma à categoria de arte.

Para ela a asa faiscante do génio, tinha roçado igualmente pelo ignoto escultor quando ele concebia e realizava o seu Cristo na agonia sangrenta das Oliveiras ou na varanda de Pilatos ao conspecto da multidão amotinada do povo, como quando ele, se foi ele, modelou nas suas mãos apressadas, uma ou outra dessas embrionárias, apagadas formas humanas que se metem mornamente no tumultuoso teatro.

Que, nisto de arte, tudo se está a tornar, ao que parece, tão precário, tão contraditório até, que a gente já não sabe mesmo o que há-de pensar.

Eu em tempos, numa igreja de Trás-os-Montes, vi uma imagem de Cristo na cruz, tão monstruosa, tão desproporcionada, tão infantil, que esbocei o desejo de ela, como coisa indecente, ser retirada da veneração dos altares. Os pés, se os fossem a medir bem, dariam à vontade por duas vezes o resto do corpo, e

mais pareciam duas barbata-nas de peixe do que dois pés humanos, mesmo desfeitos e atravessados pelos pregos.

Bem sei que na Sagrada Escritura se diz: «Não o reconhecemos, tinha perdido todo o aspecto de homem». Ainda assim, mesmo no cadáver de supliciado, as linhas do esqueleto não deixam de conservar a sua extensão própria, não se prolongam ou encolhem de uma maneira tão abrupta, tão desconforme. Isso dá-se mas é com certos espelhos inverosímeis que fazem, com os seus reflexos revolucionários, verdadeiras caricaturas da face ou dos membros dos nobres descendentes de Eva.

Porém agora, quando eu vejo celebrados e aclamados nas grandes basílicas ou nos monumentos insígnies estes paradoxos de enorme estilo, quando eu vejo curvadas diante destes absurdos frontes coroadas de louros, já não digo nada do Cristo de Trás-os-Montes, já quase me arrependo de ter tentado arrancá-lo ao seu altar e metê-lo em paz nalgum museu.

Ele não ficaria mal ao lado de outras pinturas ou esculturas do mesmo género, no altar-mor de alguma catedral encantada: a mesma figura de calabrês, o mesmo olhar de facínora, os mesmos pés e as mesmas mãos parecidos com os remos ou com os tentáculos.

Nihil sub sole novum.

A respeito desse Cristo de Trás-os-Montes ainda conservo e recordo agora outro aspecto desolador.

Não foi tanto o apêgo à sua arte ou à incrustação do seu culto, o que levou os habitantes da freguesia a instar pela conservação da imagem. Como último argumento, como motivo de arromba, contra o qual tudo cessa e tudo se cala, eles clamavam em altas vozes que aquela imagem era aquela — que botava a água.

Não lhes disse, está-se a ver, que era isso mesmo pelas mesmas palavras, o que diziam os pretos do Quissame ou da Dongoêna dos seus manipulansos: que ninguém lhes tocasse que eram eles que botavam água.

Botar a água, na ideia deles, era o mesmo que fazer cair dos céus a chuva benéfica.

De maneira que, numa tal confusão, já se não sabe ao certo como se há-de andar a apalpar nas trevas cá deste mundo.

O Bom Jesus, apesar de não ter os pés e as mãos à maneira de *Welwichia Mirabilis*, é no entanto uma imagem perfeita e digamos assim teológica.

No rosto, mesmo através de uma forte expressão de dor, há uma calma divina, o reflexo duma luz eterna, imortal, e vê-se bem que quem sofre é imensamente superior ao seu martírio.

Renan, se não me engano foi ele quem disse: — «Se a morte de Sócrates é a morte de um justo, a morte de Cristo é a morte de um Deus».

Poderíamos pensar, que quando ele escreveu essas palavras, tinha diante de si a imagem do Bom Jesus. Ao contrário, na parte inferior do corpo, sobretudo na côxa direita, sente-se a contracção, a convulsão, a violência, o espasmo de todo o sofrimento da augusta vítima nos momentos atrozes da sua agonia. Nem por um lado se desfaz ou dilue o esplendor da divindade na fogueira do suplicio nem, por outro lado, este perde qualquer coisa do seu horror pela divina serenidade do Mártir.

Essa escultura é assim na realidade uma tese de cristologia.

A' volta para Nogueiró encontramos na rampa o mesmo cenário campesino de galos e galinhas a espaiar na rua, de crianças e de cães, a brincar, de mulheres sentadas á porta a coser e a conversar.

O assunto era em geral ainda o mesmo: a saída do Pároco. Parecia agora que um ou outro destes descontentes das leis da Igreja, quando estas lhe tocam de qualquer maneira nalgum nervo mais assanhado da sensibilidade, não via de olhos bastante humedecidos de lágrimas a substituição do Pastor; que alguma coisa se cochichava a respeito. Uma mulher forte como um castelo, de olhar manso porém, destas que dão só uma pancada porque só precisam duma para acertar imediatamente no alvo, que matam dum golpe as questões à nasçença, sobre os murmúrios dos insatisfeitos pronunciou inexoravelmente a sentença:

— Palavreado!

E repondo o carregó à cabeça como se levantasse do chão uma pena, ia repetindo, como se fosse de si mesma o eco: palavreado!

Cinema

NA TELA

HOJE:

O Cantor da Rua—Interessante película a exhibir no Teatro Aveirense.

AMANHÃ:

No reinado do terror—Evo-ca os dias terríveis de Julho de 1794, em que Robespierre mandava decapitar quantos lhe embargavam o caminho do poder absoluto, e a queda do insuportável tirano. É uma formidável lição de história, sobre factos condenáveis, mas verdadeiros. A exhibir no Teatro Aveirense. Para adultos.

História duma má mulher—A exhibir no Cine Avenida, á noite.

TERÇA-FEIRA:

Vidas torturadas—A exhibir no Cine Avenida.

QUINTA-FEIRA:

Paixão secreta — Esta película exhibe-se no Teatro Aveirense. Reservada para adultos.



Futebol

Campeonato Regional de Aveiro

Resultados da 2.^a Jornada.

Beira-Mar — Oliveirense, 2-2
Lamas — Espinho, 0-3
Sanjoanense — Ovarense, 2-0

RESERVAS

Beira-Mar — Oliveirense, 5-0
Lamas — Espinho, 2-3
Sanjoanense — Ovarense, 4-1

Quadro da classificação

	J	V	E	D	F	C	P
Espinho	2	2	0	0	6	1	6
Oliveiren.	2	0	2	0	6	6	4
Sanjoanen.	2	1	0	1	3	3	4
Ovarense	2	1	0	1	2	3	4
Beira-Mar	2	0	1	1	3	4	3
Lamas	2	0	1	1	4	7	3

Jogos para amanhã:

Oliveirense-Sanjoanense, em Oliveira de Azemeis.
Ovarense-Espinho, em Ovar.
Lamas-Beira-Mar em Lamas.

Na categoria de reservas o Beira-Mar comanda a classificação geral, sem derrotas.

Ciclismo

Efectua-se amanhã, conforme já aqui anunciámos, o II Circuito de Aradas para ciclistas amadores e populares organizado pela Casa do Povo de Aradas.

Mais de uma centena de corredores se inscreveram, havendo numerosos prémios para os vencedores individuais e colectivos.

A partida para os corredores populares é às 14 horas e a dos amadores às 16.

*

Alves Barbosa, radiosa esperança do ciclismo nacional,

representante do clube bairradino «Sangalhos Sport Club», confirmando a magnífica forma evidenciada na volta a Portugal, de que foi vencedor, conquistou mais um brilhante triunfo ganhando a XVI volta dos campeões, prova realizada na Figueira da Foz no passado domingo.

Vitor Guimarães organiza no próximo dia 23 o II Circuito de Aveiro para bicicletas motorizadas num percurso de cerca de 100 quilómetros. A meta será estabelecida na A. Dr. Lourenço Peixinho.

Natação

O Sport Clube Beira-Mar por intermédio do seu atleta Acácio Agostinho da Costa colecionou mais um precioso triunfo no último domingo, vencendo a travessia do Porto numa extensão de cerca de 8 quilómetros com ampla vantagem sobre os restantes concorrentes.

João Agostinho da Costa, irmão do vencedor, fez igualmente boa prova, não obstante a falta de preparação, classificando-se em 3.^o lugar.

Capela do Senhor das Barrocas

Inauguração de quatro retábulos

Amanhã, às 10,30 horas, na Capela do Senhor das Barrocas serão inaugurados e ben-zidos por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo-Bispo, quatro retábulos oferecidos por uma devoto que faz parte da Comissão de Melhoramentos da mesma Capela.

Celebrará a Santa Missa o nosso venerando Prelado.

Colégio Internato dos Carvalhos

(GAIA)

Para educação de rapazes, dirigido pelos Padres do Coração de Maria

Ensino Primário e Liceal

O COLÉGIO DOS CARVALHOS é o antigo COLOSSO dos colégios do Norte e ainda de todo o País. A nove quilómetros do Porto, com fáceis meios de transporte, numa região poética e saudável, o COLEGIO DOS CARVALHOS pode considerar-se cidadão sem os inconvenientes da cidade, e tem condições vitais como poucos em Portugal.

INTELLECTUALMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS tem ao seu serviço um dedicado grupo de professores competentes e abnegados, competência e abnegação que se refletem nos resultados do ano que findou numa percentagem positiva de cem por cem nalguns sectores e ultrapassando sempre os dois terços.

DISCIPLINARMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS tem como norma de governo «FORTALEZA E SUAVIDADE», criando convicções e formando caracteres.

MORALMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS conta com todo o amor cristão de um Instituto Religioso que prima em fazer HOMENS INTEGRAIS, portanto, CRISTÃOS.

É' nosso ideal alimentar o corpo e a alma dos nossos alunos tão bem ou melhor que os melhores Colégios.

As matrículas estão abertas até 30 de Setembro e aulas abrem em princípios de Outubro



FALAI, SENHOR...

No Evangelho está a divina resposta

Jesus subira a uma barca, atravessara o lago e regressara a Cafarnaüm. E ali trouxeram-lhe um paralítico. Admirando-lhes a confiança, Jesus disse ao paralítico: Acredita-me, filho, eu perdoo-te os pecados. Os escribas e fariseus que se encontravam presentes diziam consigo: Este homem diz impiedades! Quem, senão Deus, pode perdoar pecados! ?...

S. MATEUS, IX

Trazem os pecados muitas moléstias ao corpo. Assim, primeiro são perdoados os pecados, para que, afastadas as causas da moléstia, se revigore a saúde...

S. JERÓNIMO

Jesus acabava de fazer a travessia do lago. Outra vez se encontravam em Cafarnaüm: «o lugar da consolação». Chama-lhe o Evangelista «a sua cidade». Qual a razão, se ele nasceu em Belém e vivera sempre em Nazaré?

Em Cafarnaüm encontrara Jesus os seus primeiros Apóstolos e ali morava Pedro. Cidade marcadamente comercial, ali se congregava gente de muitas partes. Não era só a Judeia inteira que lá acudia. Também a gentildade a frequentava assiduamente. Assim Jesus a convertera em centro da sua actividade, como que a desenhar a universalidade do reino espiritual que vinha instaurar na terra.

O próprio nome da cidade era altamente simbólico na sua significação etimológica já acima apontada. Jesus apresentou-se sempre como o consolador de todas as amarguras, a providência viva e dedicada de todos os necessitados. Foi ele que disse: *vinde a mim, quantos andais afadigados de trabalhos e cuidados. Eu vos confortarei.* E este zelo pelo próximo estende-o mesmo para além da morte: *quando eu for, um dia, erguido da terra, hei-de arrastar tudo a mim.*

A estada de Jesus não podia constituir um segredo, nem mesmo estava isso nas suas intenções. Depressa a notícia da sua presença atravessou a cidade. Pouco tardou que estivesse cheia a casa onde Jesus se albergava, talvés a casa de Pedro. Estava até mais que cheia, pois junto dela, não podendo já entrar, apinhava-se a multidão crescente dos que desejavam ver e ouvir o Rabi e receber os seus preciosos favores.

Lá dentro, gravemente, entre um auditório onde, no meio de rostos amigos, havia olhos desconfiados e matreiros de fariseus, Jesus ensinava, expunha o seu pensamento luminoso sobre o Reino de Deus. Fora de portas, um rumor crescente. Vozes roucas, exaltadas. Sacudidelas bruscas que se espraiam até ao interior. Depois tudo sossega e Jesus prossegue.

Inesperadamente, o frágil tecto de barro e caniços entrelaçados é arrombado e, pe-

la abertura feita, é descido um paralítico estendido num pobre catre. Haviam-no trazido. Quiseram passar e não puderam. Imploram debalde. Não desistiram, Jesus havia de lho curar. Então subindo ao tecto, nem olharam ao desacato.

Também Jesus deixou o desacato sem reparo. Agradou-lhe aquela desenvoltura animada pela esperança. Olha o doente com simpatia, num olhar longo, silencioso. Depois diz-lhe: *meu filho, ânimo! perdoo-te os pecados.* O olhar espantado do paralítico diz o seu desamparamento. No tecto, há um cair de ombros, um inclinar sucumbido de cabeças. Não era aquilo que vieram buscar com tantos trabalhos. E era verdade. Nem se lembraram dos pecados e de que todas as misérias que afligem as vidas nascem duma culpa.

A' roda de Jesus, entreolham-se indignados os fariseus. Aquilo excedia todos os limites. Não era de suportar tal impiedade. Quem, senão Deus, podia perdoar pecados?

Corta-lhes Jesus o pensamento injurioso: *Qual é mais: perdoar pecados, ou dar saúde a este paralítico?* Os fariseus calam. Bem sabem que tal poder é mais que natural. Só pode vir de Deus. Não desconhecem as maravilhas que se contam daquele homem que os interpela. Responder não será ficar mal colocado? Como eles calam, Jesus continua: *Já ides ver que o filho do homem tem poder de perdoar pecados.* Volta-se então para o paralítico e ordena: *Levanta-te, toma esse catre e vai para tua casa.* O que ele fez, agradecido.

Convenceram-se os fariseus? A má fé não se convence nem com os mais extraordinários milagres.

Por outro lado, a cura do paralítico segue-se ao perdão dos seus pecados. Aquele que obteve perdão da culpa é reintegrado na sua inteira dignidade. Não pode ficar prostrado. No cristianismo, que veio restaurar a dignidade perdida de homem, tudo tem de erguer-se ao alto, medir-se em verticalidade pela Cruz do Redentor.

João Ninguém

A propósito: *Numa missão muito concorrida e visivelmente proveitosa: — Onde vais?*

Nas mãos de Deus

D. Ofélia Elvira de Azevedo Reis Machado Santos

No dia 5 do corrente faleceu nesta cidade a sr.^a D. Ofélia Elvira de Azevedo Reis Machado Santos, mãe da sr.^a D. Beatriz Machado Santos e do sr. Maurício Machado Santos, empregado superior da Nestlé, em Avanca e sogra da sr.^a D. Palmira Pinto Camelo.

A saudosa extinta, que residia em Lisboa, encontrava-se nesta cidade a passar algum tempo em casa de seu filho, quando Deus a chamou para si, depois de pedir e receber os Sacramentos da Igreja.

No funeral que teve lugar no dia imediato para o Cemitério Sul, além das pessoas de família e amigos, desta cidade, incorporaram-se muitos empregados da Nestlé e outra gente de Avanca, onde o Sr. Maurício Machado Santos constituiu o seu lar e onde conta boas relações de amizade.

A' família enlutada apresentamos os nossos sentidos pêsames e pedimos a Deus o eterno descanso para a alma desta boa Senhora.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA MENSAGEM DE FÁTIMA

(Continuação da pág. 1)

deal Pla y Daniel, Arcebispo de Toledo.

Com Suas Eminências e outros Excelentíssimos Prelados acorrerão a Portugal muitos peregrinos e congressistas que conosco virão afirmar as verdades cristãs.

Na Secretaria Geral do Congresso continua aberta a inscrição que se prolonga até ao dia 20 de Setembro. A C. P. concedeu aos congressistas, mediante a apresentação do respectivo cartão, as reduções de 30 % em 1.^a classe e de 20 % em 2.^a classe nas suas linhas.

O C. N. E. em marcha

Nos altos de Estarreja, no Barreiro de Além, para os lados da Minhoteira, estiveram sob a lona, os do 46 de Ilhavo. Foram 10 dias bem passados no convívio íntimo com a natureza e com aquele bom povo.

Os nossos rapazes vieram encantados com a sua generosa hospitalidade. Bem hajam.

No próximo número daremos notícias mais detalhadas.
Côrvo da Ria

Anunciai no «Correio do Vouga»

— *Faço como os outros. Vou confessar-me.*

— *Tolo! Também te confessas? Eu não me confessava ainda que me dessem 100 contos!*

— *Acredito. Se te confessasses, precisarias de restituir pelo menos uns 1000.*

Colégio Tomaz Ribeiro

Formação Católica de Rapazes

TONDELA

Telef. 8266

A' semelhança dos anos anteriores, este Colégio, que ministra o ensino primário, comercial e liceal completo só a rapazes, torna públicos os resultados finais dos exames dos seus alunos:

2.º Ano

Arménio de Oliveira Figueiredo	11 valores
António Antunes Rebelo (2.º ano do comércio)	Aprovado
António A. Simões	12 valores
António Pinho Marques	11 "
António Guilherme T. Cruz	17 » (a)
Candido B. Simões do Amaral	11 "
Celso Vasconcelos Cabanas	13 "
Guilherme Borges Mota	16 » (a)
Horácio Moreira Rodrigues	12 "
Ivo Pereira da Silva	15 "
João Floriano Marques	11 "
João Manuel Pessoa de Amorim	12 "
João Gonçalves Riquito	17 » (a)
Joaquim Oliveira Gonçalves	12 "
Jorge de Melo Gouveia	12 "
Este aluno fez também o 2.º ano do comércio	Aprovado
José Evaristo Mascarenhas	12 valores
Manuel Rodrigues de Matos	13 "
Martinho de Sousa Pereira	13 "
Nelson de Matos Viegas	12 "
Ricardo Manuel Freitas Jorge	11 "
Excluídos 5	

(a) Todos estes alunos ficaram dispensados da prova oral.

5.º Ano

No 5.º ano foram considerados aptos 14 alunos para o exame da secção de Letras e 21 para a secção de Ciências.

Concluíram o 2.º ciclo os alunos:

Classificação final do ciclo

Abílio Amaral Marques	12 valores
Adriano Patrocínio Sanches	12 "
Adriano dos Santos Oliveira	10 "
António Roldão Galo	13 "
Francisco de Oliveira Gonçalves	13 "
Gilberto de Almeida	12 "
Gilberto Simões da Rocha	12 "
Ivo Pereira da Silva	12 "
João Gonçalves Riquito	14 » (17 val. em Letras)
José Bernardino Lopes Tavares	13 » (a)
Manuel Loureiro	12 "
Manuel Pereira	12 "
Mário Rodrigues de Almeida	12 » (a)
Vitor Manuel Paz da Fonseca	12 "

(a) Estes dois alunos fizeram também o 6.º ano de Letras (Direito)

Foram aprovados numa secção

	Letras	Ciências
Anibal Silva Peixe	—	13 (sem defic.)
António Manuel dos Santos	—	10
Ernesto da Mota Pereira	11	—
José Fernando Abreu	11	—
Manuel Pinheiro	11	—
Ventura Braz da Costa	16	—
Excluídos	(4)	(5)

Todos os alunos internos do Colégio ficaram aprovados nos seus exames, com excepção de um que não foi proposto pelo Colégio.

Instituto Académico de S. Bernardo

ÁGUEDA

PARA AMBOS OS SEXOS

Ensino Liceal, Comercial e Primário

Estão abertas as matrículas

Pelo Seminário

QUANDO eu vim para Nogueiró, há treze ou catorze anos, para escrever o livro *Teresa Saldanha e as suas Dominicanas*, já me sentia tão adeantado de anos e tão diminuído de forças, que costumava dizer às Irmãs, que, vencido esse esforço o melhor que me restava a fazer neste mundo era enfiar na cabeça um barretinho de velho, meter os pés nuns sapatos de orêlo, adquirir a competente caixa de rapé e o correlativo vermelho lenço tabaqueiro, apoiar-me a um bordão para os poucos passos que ainda que pudesse tentar, estender-me numa cadeira para a passagem das longas horas, e como a vista já me não desse para a leitura do Breviário desfiar sem fim os bagos das minhas contas, os grãozinhos do meu rozário.

As Irmãs riam-se muito desta pintura flagrante do meu epílogo, mas eu achava que era ela a que mais me convinha para me preparar para o voo.

E uma noite, ao entrar no pequeno aposento que servia de refeitório ao capelão da exígua comunidade, encontrei à cabeceira da mesa, comodamente instalado para a refeição, tal qual eu o tinha descrito com o gôrro enterrado no crânio para o defender do frio ou das moscas, com os pés embrulhados numa fôfa manta de lã, com os óculos pretos sobre o nariz, com um pacote de simonte numa das mãos e na outra um lenço escafiado dum tal tamanho que chegaria para cobrir trêsinhos de água, com o rozário e uma corda à cintura, o meu velhinho, como eu o andava ideando e concebendo para a minha própria forma nas últimas horas da existência.

Deu-me ideia daquelas inocentes e vivíssimas brincadeiras que foi desencantar já não me lembra que moderno autor, nas *Monjas de Semide*, nas *Freiras do Lorvão*, noutros livros de sabor igualmente conventual ou monástico.

O boneco estava na realidade expressivo, perfeito no género.

Poucas semanas depois, precisamente quando eu andava nas últimas páginas da minha pequena história dominicana, que já se ressentem por isso duma certa precipitação, dum certo alarime, rompeu a notícia da minha nomeação para Administrador Apostólico da restaurada Diocese de Aveiro.

Foram retirados imediatamente do figurino os seus agasalhos de valetudinário, de velho, os seus utensílios de solitário, de monge, o próprio fio das suas contas.

Pintaram-lhe de preto os cabelos, em vez do escabelo caseiro puseram-lhe um trono, e na cabeça a mitra, na dextra o báculo, no dedo o anel, foram elas as primeiras a aclamar daquela maneira jovial, pitoresca, à margem completa da liturgia, o futuro bispo de Aveiro.

Volto agora a Nogueiró, mais de dez anos passados, já com as marcas nos ombros da cruz que sobre eles inesperadamente caiu, já com os olhos macerados da aspereza e das inquietações do caminho, já perto da terceira e última queda desta minha vai tão longa *Via Sacra*.

Há aqui a pequena distância, no alto de uma colina donde se avista panoramicamente a cidade, uma capelinha modesta mas graciosa, dedicada a N. Senhora da Consolação.

Que fui eu lá fazer hoje? Dar-lhe graça pelas consolações e pelas pedras preciosas que Ela me tem dado para as paredes do Seminário? Ou pedir-lhe novas consolações, ainda mais abundantes, ou novas pedras, ainda mais preciosas?

A imagem — será concerta imaginação ou adaptação minha — dá a ideia de que estende os seus braços clementes para um aflito que se debate na angústia, para um naufrago que procura nas ondas uma tábua para se agarrar; o aflito, o naufrago, não se vêem porém, mas adivinham-se. Há máguia no seu rosto, de um tanto penar aos seus pés, mas brilha-lhe nos olhos a alegria de chegar a tempo de valer à desdita.

Não se vê, efectivamente, o infortunado, o agonizante; só se vêem os olhos piedosos e as mãos maternais da Senhora. Mas o quadro completo eu por minha própria conta; abaixo da sagrada icône, na penha da sua nuvem dourada, imaginei eulogo um velho bispo, marcado pelo seu destino para uma criação milagrosa, arrancando um seminário da terra, como se arrancar um seminário da terra fosse a mesma coisa do que arrancar um dente da boca e que, sentindo estalar-lhe os pulsos, faltar-lhe nos pulmões o ar e o sangue arrefecer-lhe nas veias, olha no entanto, cheio de confiança, de profundas clamavi para Aquela que a si mesma se compraz de chamar-se a *Consoladora dos Aflitos*, a *Nossa Senhora da Consolação*.

Quem sabe? A's vezes as coisas mais altas dependem de um fio de aranha, dum imponderável, dum nada. Quem sabe se, à mesma hora em que eu, o mais perto possível da doce imagem lhe pedia para reparar em mim, nos meus farrapos, nas minhas lágrimas, quem sabe se, a essa mesma hora, lá em Aveiro ou noutro ponto qualquer da Diocese ou do mundo, um rico ou um pobre tenham tido a inspiração subitamente ateadada pela Consoladora de Nogueiró, de mexer nalgum dos seus bolsos, minguidos ou fartos, extrair do fundo deles alguma esmola para o Seminário?

Quem sabe? Pode muito bem ser, é mesmo muito natural que

Assim seja!

Campanha das Freguesias a favor da construção do Seminário

Lembra-se aos Rev. Párcos que terminou o segundo quadrimestre deste ano e que as respectivas importâncias devem ser entregues na Câmara Eclesiástica.

Manuel Caetano Valente de Pinho

Carlos Augusto de Pinho e sua esposa Albina Valente dos Anjos, profundamente sensibilizados por tantas provas de estima com que os acompanharam, nos dolorosos dias em que muito e muito sofreram pelo inesperado falecimento de seu querido e para sempre saudoso filho Manuel Caetano Valente de Pinho, as inúmeras pessoas que tomaram parte no seu funeral, lhes enviaram condolências e assistiram aos sufrágios do terceiro, sétimo e trigésimo dia, vêm, por este meio, agradecer tudo e a todos, pedindo a Deus lhes poupe a dor com que o seu lar foi ferido. E muito especialmente agradecem aos professores e aos companheiros de seu filho o terem-se lembrado tanto dele e da sua alma.

Avança, 9 de Setembro de 1951.

Carlos Augusto de Pinho
Albina Valente dos Anjos

Problemas escolares

Subvenção às escolas particulares

É de justiça o subsídio financeiro às escolas de iniciativa privada ou eclesiástica.

E é também um dos postulados da liberdade da escola.

Não o recebendo, os mencionados estabelecimentos de ensino são forçados a viver unicamente das contribuições dos alunos. Consequentemente, a sua frequência, por um lado resulta mais dispendiosa, e por outro lado não pode oferecer certas regalias de que eventualmente alguns alunos poderiam vir a usufruir. Ora as vantagens económicas são de um extraordinário poder aliciador. Daí um estado de coisas, em que os pais não são totalmente livres. Isto é, nega-se-lhes praticamente a plena liberdade de educar os filhos, segundo a sua consciência, porque, aperreados pela necessidade, confiá-los-ão a quem instrua mais barato. Portanto, se as autoridades públicas desejam lealmente reconhecer aos cidadãos a liberdade de ensino, não podem limitar-se a apregoar em lindos textos essa prerrogativa, aliás inalienável, mas devem, entre outras coisas, criar um condicionalismo económico que garanta o exercício dessa liberdade.

CONDIÇÕES

Mas deverá o Estado lan-

çar mão a toda e qualquer escola?

Não pretendemos, que não é racional, explorar até ao absurdo um princípio justo. Não-de verificar-se certas condições.

Em primeiro lugar, a escola a financiar deverá oferecer certas garantias de bem servir a causa da educação: edifício higiénicamente inofensivo, professorado competente, corpo disciplinar são, moral e ideologicamente, etc.

Em segundo lugar, a frequência dos alunos há-de ultrapassar um limite mínimo razoável, previamente estabelecido.

Em terceiro lugar, não-de tomar-se precauções que não vá o subsídio servir apenas intuítos gananciosos dos proprietários dos centros educacionais. O auxílio recebido não pode ser capa que encubra especulações, mas há-de traduzir-se em facilitação para os alunos. E bastante haverá que fazer neste ponto, pois não falta quem pretenda fazer da docência uma indústria, abrindo institutos de ensino com o mesmo espírito com que se funda uma empresa mercantil.

As escolas que não satisfizerem às condições postas (que não devem no entanto ser exageradas até ao difícilmente exequível), não tem fundamento para reclamações, porque o dinheiro de todos não pode ser esbanjado, mas deve ter emprego em obras de utilidade pública.

P.e Leonardo A. Pereira

Estudantes

Até ao Terceiro Ano

Recebem-se, próximo do Liceu. Tratamento familiar, com orientação e auxílio nos estudos.

Informa

PASTELARIA CHIC
AVEIRO

rem a prestar o seu concurso ou evidenciarem negligência ou má fé nos trabalhos que lhes competirem, ou de que forem incumbidos, incorrerão em procedimento disciplinar.

Trava-se, agora, o último passo para a intensificação do ensino, que só poderá ser obrigatório — como em princípio estava estabelecido — depois de se conhecer o número exacto das crianças que devem e podem aprender a ler e escrever.

E' esta uma das mais honrosas realizações da obra geral de renovamento a que estamos assistindo, graças à constância, à firmeza e à inquebrantável vontade de agir dum Governo que tem sabido cumprir os imperativos da consciência histórica nacional para a edificação dum Portugal maior.

UM DECRETO QUE VISA ELIMINAR O ANALFABETISMO

Prosseguindo a campanha contra o analfabetismo acaba de ser publicado pelo Governo um decreto da maior importância, estabelecendo as mais positivas normas para a organização do recenseamento escolar. Em suas linhas gerais o decreto estabelece que de Maio a Agosto de cada ano se proceda às operações do recenseamento escolar em todo o País; todas as crianças entre os 7 e os 11 anos, completos ou a completar até 31 de Dezembro, serão recenseadas por sexos. Para o efeito são constituídas comissões recenseadoras concelhias e de freguesia ou de zona escolar.

As comissões concelhias funcionam nas Conservatórias do Registo Civil e são formadas pelo respectivo conservador, que servirá de presidente, pelo chefe da secretaria da Câmara Municipal e pelo delegado do director do distrito escolar, podendo este, quando resida fora da sede do concelho, ser substituído por professor expressamente designado pelo director do distrito escolar. Nas sedes do concelho que sejam capitais do distrito, o representante na comissão, do director do distrito escolar, será por este designado de entre os funcionários da direcção do distrito escolar, ou professores que exerçam funções na sede do concelho.

As comissões de freguesia

funcionarão num estabelecimento de ensino primário oficial da localidade e serão constituídas pelo director da escola ou, não havendo professor, pelo regente escolar, de preferência do sexo masculino, que há mais tempo exercer funções docentes na freguesia, o qual presidirá, pelo presidente da Junta de Freguesia ou seu representante, e pelos restantes agentes de ensino na localidade. A falta de comparecimento do presidente da Junta de Freguesia, ou seu representante, às reuniões da comissão não poderá justificar o adiamento dos trabalhos.

Determina, seguidamente, o decreto, as normas de funcionamento destas comissões para um eficiente recenseamento, estabelecendo que, findos os trabalhos, sejam rubricados pelos membros das comissões e remetidos às direcções dos distritos escolares que, por sua vez, os remetirão, depois de os terem completado como o decreto determina, à Direcção Geral do Ensino Primário até 30 de Agosto de cada ano.

Acrescenta ainda que o serviço de recenseamento será executado sem prejuízo do trabalho e é obrigatório e gratuito para todos os membros das comissões concelhias, da freguesia ou de zona escolar.

Os funcionários dependentes do Ministério da Educação Nacional que se recusa-

MOTOS JAWA

A Firma Frazão & Oliveira, Lda. tem a honra de informar a sua Il.^{ma} Clientela que é distribuidora exclusiva, em todo o distrito de Aveiro, destas inigualáveis motos checoslovacas.

Aceitam-se sub-agentes em alguns concelhos ainda vagos

FIXE BEM Frazão & Oliveira, Lda. - v. Dr. Lourenço Peixinho, 232 B - AVEIRO

MORRIS MORRIS-COMERCIAL

CONCESSIONÁRIOS NO DISTRITO DE AVEIRO

Auto-Comercial de Aveiro, Lda

Automóveis - Camions - Fourgonetes

Estação de Serviço :

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO

STAND :

RUA DE VIANA DO CASTELO
AVEIRO

Armações - Lentes - Oculos de Sol

Aviamento de receitas médicas

A ÓPTICA

Rua de José Estêvão, 23

AVEIRO

Telefone 274

COLÉGIO NACIONAL

(PARA O SEXO MASCULINO)

TELEFONE 16 - ANADIA

Curso completo dos liceus (1.º, 2.º e 3.º ciclos). Ciclo Preparatório e Curso Geral do Comércio. Instrução Primária e Admissão ao Liceu e Escolas Técnicas.

Internato. Higiene. Ambiente familiar. Assistência médica. Salões de estudo orientados por professores. Educação moral e cívica.

Este Colégio reabre em Outubro profundamente remodelado nas suas instalações e no seu corpo directivo e docente.

Para informações dirigir-se a

D. Albertina Oliveiros, Telef. 42 — Dr. José Luís Branco, Telef. 35, ou á Secretaria do Colégio, Telef. 16

Estão abertas as inscrições

Restaurante "O ARCADEA"

No centro da cidade, no café do mesmo nome, nos baixos do

ARCADEA HOTEL

Serve refeições e à lista

Aceitam-se comensais a preços módicos
Telefone 421

A ÓPTICA

Aviamento rápido de receitas

Telefone 274 AVEIRO

Ultima novidade III

FORMAS BRASILEIRAS

Assa, grelha, gratina e cose bolos, carne, peixe, em todos os lumes.

Casa das Utilidades

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 241

Arcada Hotel

O único de Aveiro, à beira da Ria, com quartos confortáveis e bom serviço de mesa.

TELEFONE 78

CASAMENTOS! ANIVERSÁRIOS!

Poupe tempo e dinheiro
Presentele com artigos da
Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124—AVEIRO

A Fátima

A Auto-Viação Aveirense participa ao público que aceita inscrições para viagens a Fátima, em todos os meses, com visita ao Castelo do Bode. As inscrições são feitas no seu escritório, à Rua das Barcas, n.º 12 — onde se prestam todos os esclarecimentos. Os lugares serão numerados conforme a ordem da inscrição.

Terreno para construção

Vende-se um lote de terreno com 12 metros e 40 de frente, e 30 metros de comprimento, no total de 372 metros quadrados, situado a meio da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (2.º talhão da Rua Engenheiro Oudinot).

Dão-se informações no Grémio do Comércio de Aveiro, em todos os dias úteis.

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA: Avenida Navarro, 6 - 1.º — Tel. 4445

EM AVEIRO: Consultas todos os sábados às 13 h.

Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 43

DODGE

DIESEL

Chassis de 6.850 quilogramas

PARA ENTREGA IMEDIATA

Agentes no Distrito de Aveiro:

Auto-Comercial de Aveiro, Lda

Av. Dr. Lourenço Peixinho — R. Viana do Castelo

AVEIRO — Telef. 561 - 150

Colégio de D. Pedro V

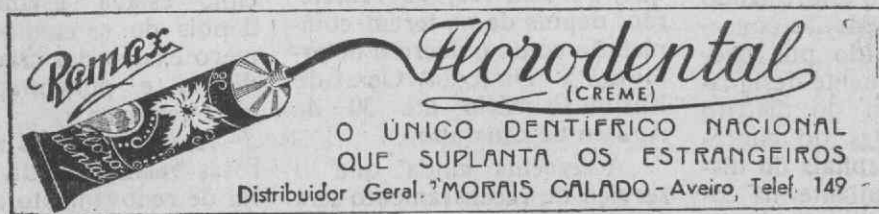
Telefone 69 — AVEIRO

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Cursos: liceal (1.º e 2.º ciclos), técnico e admissão aos Liceus

Matrículas em Agosto e Setembro

Evita os bochechos de clorato de potássio



O ÚNICO DENTÍFRICO NACIONAL QUE SUPLANTA OS ESTRANGEIROS
Distribuidor Geral: MORAIS CALADO - Aveiro, Telef. 149

A' venda nas boas casas

Confeitaria Estrela

Doçaria - Pastelaria - Conservas - Fiambres
Queijos - Vinhos - Espumantes

Sortidos finos para chá. Serviços para casamentos, baptizados, copos de água e PORTOS DE HONRA

Especialidades Regionais

Preferida pela superior qualidade dos seus artigos

Rua da Costeira, 14 a 16 — Telefone 211

AVEIRO

Agência Predial

Compra e venda de propriedades.
Empréstimos sobre hipotecas.
Arrendamentos de casas,
avaliações, etc.

Diamantino Simões Jorge
Travessa da Câmara Municipal, 31
AVEIRO

(Junto ao escritório do advogado
Dr. Luís Regala)

Camions usados

Diversas marcas e tonela-
gens, vende

Officinas Gamelas
Rua da Fonte Nova - Telef. 99
AVEIRO

O seu relógio avariou?

Não o inutilize,
confiando-o a inexperientes

Nas oficinas da Ourivesaria
Vieira, L.da, conserta-se rigo-
rosa e conscientemente, com
absoluta garantia para os seus
possuidores.

FABRICA ALELUIA

AVEIRO
Azulejos — Louças
Painéis com Imagens

A ÓPTICA
Óculos para todos
Telefone 274 **AVEIRO**

Podrá colocar todos os
seus produtos com facili-
dade, anunciando no
CORREIO DO VOUGA

Agência Funerária Saraiva

—DE—

Joaquim Ferreira Saraiva

Sede: MAMODEIRO - Telef. 31
Filial: Rossio, 37 - AVEIRO
Telef. 583

Chamadas a qualquer hora

Transportes Veneza, Limitada

(Ex-Transportes Retinto)

Transporte de mercadorias para todo o país
serviço diário entre Aveiro, Lisboa e Porto

Trav. dos Ourives, 2-4 **TELEFONE 476**
AVEIRO

Consultório Médico e Cirúrgico

Dr. Ernesto Barros

Consultas: Aveiro - Largo da
Estação, n.º 5-1.º, às ter-
ças, quintas e sábados, das
13 às 19 horas.

Em SALGUEIRO e NARIZ,
às segundas, quartas e sextas,
das 14 às 17 horas

Telef. 167 — **AVEIRO**

Cabeças Suecas PRIMU
ruidosas e silenciosas
só na

Casa das Utilidades
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 124

Cosinheira

Precisa-se que dê boas re-
ferências.
Dirigir-se ao Hospital de
Ilhavo.

Vende-se

Uma casa devoluta na Es-
trada Nova. Na mesma Estrada,
no n.º 85, dão-se informa-
ções.

Estudantes

Accepta casa particular. In-
forma A OPTICA — Aveiro

Ministério da Economia Direcção Geral dos Combustíveis EDITAL

*Diógenes Carlos Loureiro Ma-
chado Palha, Engenheiro
da 2.ª Repartição da Dire-
cção Geral de Combustíveis:*

Faz saber que a Shell Com-
pany of Portugal, L.da requereu
licença para instalar um
depósito subterrâneo de gaso-
lina, com cerca de 4.000 litros
de capacidade, e respectiva
bomba auto-medidora, inclui-
do na 3.ª classe com os incon-
venientes de perigo de incên-
dio, sito no Largo da Gaveta,
frente à Garagem «Centro Au-
tomobilista Aveirense, L.ª», em
Aveiro, freguesia da Glória,
concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do regula-
mento das indústrias insalu-
bres, incómodas, perigosas ou
tóxicas e dentro do prazo de
30 dias, a contar da data da
publicação e afixação deste
edital, podem todas as pes-
soas interessadas apresentar
reclamações por escrito, con-
tra a concessão da licença re-
querida e examinar o respec-
tivo processo nesta Reparti-
ção, Avenida Miguel Bom-
barda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 6 de Setembro de
1951.

O Engenheiro-Chefe da 2.ª Repar-
tição,
*Diógenes Carlos Loureiro
Machado Palha*

SERVIR

... Bom, Bem e Barato
é o lema da

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124—AVEIRO

Ourivesaria VILAR

Rua José Estêvão, N.º 39
AVEIRO



ÓCULOS — LENTES — ARMAÇÕES
PARA TODOS OS PREÇOS
LENTES ESPECIAIS
PARA EXECUÇÃO DE RECEITAS

No seu próprio interesse
consulte sempre os preços
desta casa.

Não perderá o seu tempo

Cachorros

Serra da Estrela, bons
guardas, vendem-se. Informa:
Avenida Central, 310, Telefo-
ne 258 — Aveiro.

A ÓPTICA

vende mais barato

Telefone 274 **AVEIRO**

Motom

Bicicleta motorizada typo Moto

48 c.c. — 4 tampas — Valvulas à cabeça

3 Velocidades — Instalação eléctrica 6 V. 15 wts

A mais perfeita e incon-
fundível técnica italiana

Aceitam-se inscrições para a
próxima remessa

TRINDADE, FILHOS

Telefone P. P. C. n.º 59 e 537

AVEIRO

Agência Funerária Capela

— DE —

AMÉRICO DIAS CAPELA

Serviço permanente
Chamadas a todas as horas

ESGUEIRA

AVEIRO - TELEF. 304

Ourivesaria Carvalho

A casa que mais convém a
V. Ex.ª pelas suas moder-
nas colecções em JOIAS, OURO, PRATAS e RELOGIOS.

Avenida Doulor Lourenço Peixinho, 56 — Telefone 557

Crónica internacional

Pela Itália — Os «pioneiros»

Desde a queda de Mussolini a Itália regressou ao regime democratico-liberal e parlamentarista, esse mesmo regime que fez destruir, à sombra da unificação dum novo Estado, a organização política anterior e com ela o desaparecimento dos Estados Pontifícios, cuja existência histórica e razão de ser do seu poder temporal, mais simbólico que real, se harmonizava perfeitamente com o poder espiritual da Igreja e a cercava de maior respeito e prestígio. Ficou sendo o Papa, ao tempo Pio IX, — o Papa do dogma da Imaculada Conceição de Maria — o Prisioneiro do Vaticano, voluntariamente encerrado no seu Paço, como protesto contra o esbulho de uma autoridade especial que a História consagrou, reduzido o Vigário de Cristo na terra à qualidade simples, embora respeitosa, de cidadão romano, ainda que engrandecido pelo prestígio dos séculos.

Até ao Tratado de Latrão, obra de Mussolini e do grande Pontífice Pio XI, os Papas viveram sempre encerrados nessa prisão voluntária a que os obrigaram os liberais maçonizados do jacobinismo garibaldino, ao qual a dinastia de Saboia, agora destronada pelo mesmo regime que a instalara no poder, ficara ligada em responsabilidades máximas.

Esse regime compartilha na Itália do dessoramento e da desagregação estrutural que em toda a parte o tem corruído, com pugnas parlamentares e lutas partidárias, que são a sua característica e que fazem prever o seu desaparecimento, em tempos não distantes, das Constituições políticas dos povos. O século do liberalismo passou e o turbilhão com que se defronta o mundo actual, em busca de novas fórmulas de Governo, é disso a prova.

Com o aparecimento do Comunismo, a Itália, país de tradições de banditagem, de quadrilheiros, gosando mais ou menos da protecção dos altos poderes, como aconteceu em Portugal com os quadrilheiros de João Brandão, por exemplo, foi dos países mais flagelados por esse corrosivo veneno que se espalhou pelo mundo após a revolução bolchevista russa e o termo da primeira guerra mundial. O que fizeram os comunistas nesse país, assaltando os campos e as fábricas, instalando a desordem na rua e nos espíritos, impotentes os Governos liberais para impôr a sua autoridade, todos os que viveram essa época recordam-na como a maior das vergonhas, a ponto dos oficiais do exército terem de esconder as suas fardas para as não verem enxovalhadas.

Mussolini, com os seus *camisas negras*, descendo de Milão a Roma, numa arrancada sem oposição, salvou o país, livrando-o da anarquia.

A sua integração no «Eixo» e a sua entrada na guerra ao lado da Alemanha, perderam-no e acabou vendo regressar de novo à governação do Esta-

A invasão da mulher no mundo do trabalho

E' UM facto incontestado e incontestável. A mulher trocou o trabalho no lar pelo trabalho fora do lar, com todas as consequências e perigos na ordem moral e social, na própria ordem económica. Invade todos os sectores do trabalho masculino, batendo o homem em muitos desses sectores com as graves perturbações que tal anomalia, hoje transformada numa normalidade, necessariamente provoca. Expulsou o homem de actividades que só a ele pertenciam e sempre lhe pertenceram através dos tempos. Expulsou-o dos escritórios e das oficinas, dos empregos públicos e dos lugares por ele ocupados nas empresas particulares e nas do Estado.

Não há repartição pública onde o quadro burocrático se nos não apresente com essa característica bem actual. E' um mundo de mulheres que enxameiam as repartições, sobretudo jovens raparigas que passam essas horas de trabalho em contacto forçado com homens, rodeadas de perigos de que tantas vezes não sabem ou não podem defender-se.

No século das estatísticas por tudo e por nada, ainda nenhuma deu conta do número, porventura alarmante, das jovens que se pervertem nesse meio que frequentam diariamente ganhando em vaidades caras e em pecaminosas preferências o que perdem em modéstia e em dignidade.

Se em todos os tempos a mulher, embora não simples planta de estufa, vivendo em acañado ambiente, sem respirar o ar puro e oxigenado de uma atmosfera mais ampla, foi sempre flor delicada necessitando de raros cuidados para que não murchasse antes do tempo, maculada pela ardência do sol ou pelo frio dos invernos, hoje como nunca, para que conserve a beleza da alma e mantenha o perfume da virtude — atributo feminino que a distingue no mundo, emergindo do pântano como a flor de lotus de virginal pureza — carece de atenções especiais, de cuidados permanentes, em vigilâncias próprias e alheias, suas e dos seus, de modo a resguardar-se convenientemente, como flor delicada que é, das intempéries que a cercam e lhe abalam a natural fragilidade.

E o que acontece nos escritórios, nas repartições públicas, acontece igualmente nas oficinas. A invasão da mulher é a mesma.

Expulsou o homem dos empregos e do trabalho fabril, por uma nova lei do trabalho que as circunstâncias impuseram em imperativos de uma economia transtornada que fez sair dos carris próprios a máquina que secularmente por eles marchava.

Uma especie de lei de Grashann que faz desaparecer do mercado cambial e da activi-

dade económica a moeda forte. Não quer dizer, no termo de comparação aqui expresso, que a mulher seja no trabalho a moeda fraca, dele expulsando o homem considerado moeda forte, pois os factos muitas vezes contrariam tal acerto colocando em situação de superioridade o rendimento do trabalho feminino, excluído necessariamente o trabalho violento em que prevalece a força do músculo sobre a atenção paciente e meticolosa própria da mulher. O mesmo espectáculo que oferece aos olhos do observador a saída das repartições e dos escritórios, em que o número de mulheres que suspenderam o trabalho desse dia equivale ao dos homens, se vê, e aí em cifra alarmante, com a saída do trabalho das fábricas em que a operária sobrepuja em muito o número dos homens que se ocupam no labor fabril. Então aí muito menor é a defesa da mulher, por insuficiência do conhecimento do perigo que corre, menor resistência física, moral, intelectual e económica que a coloca em situação de inferioridade em relação às que se entregam áqueles trabalhos.

O fenómeno que em toda a parte se verifica marca uma transição, de aspectos nefastos, em que se nos apresenta invertida a vida social dos povos, os mais refractários a tais transformações. Que a mulher substitua o homem numa ordem de trabalhos que lhe é mais própria, como nas indústrias domésticas ou na faina rural, é de sempre. A vida nos campos, no labor da terra, fecundando-a com a semente, trabalhando-a com carinhosa ternura, colhendo os frutos e dispensando aos animais, auxiliares indispensáveis, preciosos e valorosos companheiros nas lides mais pesadas ou nas emergências mais difíceis, é bem uma extensão da vida da família, tão cuidada a arrumação do bragal como a vigilância da tulha ou o agasalho do estábulo, boa cama para o gado e fartura de forragem na manjedoura ou de comida na gamela do cevado. Mas a vida de trabalho no escritório ou na fábrica, já é uma evasão do lar, que é abandonado durante o tempo desse serviço externo que por completo absorve a atenção da mulher e os seus maiores cuidados para que lhe não falte o salário ao fim da semana ou o ordenado ao fim do mês. Evidente o mal estar proveniente de tão anormal estado de coisas que por completo transformou a vida do mundo depois do abalo por ele sofrido com as duas grandes guerras que o devastaram reduzindo imenso a sua população masculina.

Voltará este mundo tão perturbado a entrar nos eixos?

Querubim Guimarães

Dr. Manuel Paulo Marques

Concluiu este ano o seu curso de Medicina Veterinária, o sr. Dr. Manuel Paulo Marques, natural da Murtosa, filho do sr. António Joaquim Marques e da sr.^a D. Alice Rendeiro Marques, residentes em Lisboa, e irmão do sr. Dr. António Fernando Marques, ilustre Governador Civil substituto do nosso distrito.

O novo médico fez um curso brilhantíssimo e impôs-se sempre no meio dos seus companheiros pelas suas qualidades de inteligência e de carácter. De segura formação católica, defendeu sempre, com entusiasmo, os princípios da sua fé e procurou transmiti-la aos outros, com alma de verdadeiro apóstolo.

O *Correio do Vouga* cumpre o grato dever de saudar o sr. Dr. Manuel Paulo Marques, regozijando-se com a alegria de sua família e desejando-lhe as maiores prosperidades.

MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

A 13 de Agosto findo, o escultor Francisco Franco deu por concluído o seu contrato com o Secretariado Nacional do Monumento a Cristo Rei, entregando a maqueta definitiva da Imagem do Coração de Jesus, Cristo Rei, e recebendo no acto da entrega oficial a soma convencionada por este seu trabalho.

A maqueta, em gesso, tem quatro metros de alto, e será exposta no próximo mês de Outubro, no qual se vão iniciar as obras, por ocasião do Congresso do Ano Santo.

O Monumento de Cristo Rei é um voto feito pelos Bispos Portugueses na Cova da Iria, em 20 de Abril de 1940, se o SSmo. Coração de Jesus livrasse Portugal do flagelo da última guerra.

A subscrição Nacional atin-

giu no fim de Agosto o total de 2.801.255\$30.

A rapidez da erecção deste Monumento está dependente da generosidade dos católicos portugueses em ajudarem os seus Bispos a cumprir o seu voto, contribuindo generosamente para o Plano Trienal — 3 anos só de construção, 3 anos só de subscrição — 1950, 1951 e 1952 — cada família abastada e cada pessoa independente e não pobre, com o mínimo de mil escudos cada ano, ou pelo menos um conto de reis nos três anos, por inteiro ou em prestações.

— O Secretariado Nacional do Monumento — Rua dos Douradores, 57 — Lisboa, conserva-se fechado todo o mês de Setembro, mas dará despacho semanal a toda a correspondência que lhe for enviada.

Crónica internacional

do o mesmo regime que derrubara e fez chegar o paiz à beira do abismo.

E lá governa ele, a cada passo criando dificuldades aos homens bem intencionados que o dirigem e procuram estabilizá-lo com o auxílio alheio dos vencedores. O comunismo por lá anda minando o solo pátrio à sombra da tal *Liberdade* (com maiúscula) símbolo desse regime que é a sua morte, com grandes votações eleitorais, representação parlamentar etc, formando um partido como qualquer outro, como tal considerado e consultado até nas crises governamentais, como ultimamente quando De Gasperi pediu a demissão.

O que é o «pioneiro»

Os *pioneiros* são jovens adolescentes comunistas, crianças ainda muitos deles, que as células vermelhas arrastam para o seu grémio e cujas almas em formação transviam para o ódio a Deus e à sociedade. Inconscientes desvairados praticam a sangue frio os maiores delitos.

A Itália tem muito disso infelizmente, sem que a democracia reinante consiga extirpar o mal de que os próprios transviados são vítimas.

Ultimamente deram-se dois casos que são a revelação desse mórbido estado social a que o regime não pode pôr cõbro. Um deu-se em Argenta, burgo paduano, na margem direita do Pó. Foi na última noite do mês de Maria.

Eram 5 rapazes, o mais velho, de 14 anos e o mais novo com 12. Frequentavam como tantos outros, a sede do Partido Comunista. Orgulhavam-se de ser «pioneiros vermelhos». Eram cinco adolescentes, ainda de calção. Dirigiram-se em fila para a velha igreja de São Giorgio de Pieve. Arrombaram a porta da igreja, o que lhes foi fácil e, uma vez lá dentro, derubaram as flores que enchiam o altar da Virgem, partiram e espesinharam o crucifixo, profanaram o sacrário e lançaram-lhe o fogo.

O outro caso passou-se uma semana depois. O Rev. Emílio Salvini, prior de Ostini, entre Florença e Arezzo, recebera, como todos os padres da Toscana, aviso secreto de atentado. Em certa noite foi alarmado com os latidos dos cães. Levantou-se e, ao abrir a janela do seu quarto, foi alvejado à queima roupa, por um dos dois rapazes que o aguardavam escondidos num alpendre. Eram dois os agressores do sacerdote; Carlo Maffei e Luciano Turini, de 16 anos. O primeiro foi preso pouco tempo depois e levaram-no à presença do rev. Salvini, ainda em perigo de vida, que o abençoou e lhe perdoou de todo o seu coração. Carlos Maffei chorou. Porque sentiu o remorso por ter praticado tão nefando crime, vítima inconsciente do ódio comunista? A lição cristã da vítima comoveu-o e salvou-o. A do comunismo desvairara-o.

Querubim Guimarães